

ANTIRRACISMO E EDUCAÇÃO: OS SAMBAS-ENREDO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE, CULTURA E MEMÓRIA AFRO-BRASILEIRA NA ESCOLA

ANTI-RACISM AND EDUCATION: THE SAMBAS-ENREDO AS A PEDAGOGICAL TOOL FOR THE CONSTRUCTION OF AFRO-BRAZILIAN IDENTITY, CULTURE AND MEMORY IN SCHOOL

Maria Luiza Freitas Marques do Nascimento¹

RESUMO

Neste artigo se propõe, de forma geral, debater o papel da escola na construção da sociedade democrática, haja vista que “enquanto houver racismo, não haverá democracia”. Palavra de ordem emitida pelo movimento negro brasileiro organizado. Objetiva-se especificamente apontar uma proposta política e pedagógica para colocar em prática as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Para isso, apresentamos dois sambas-enredos de escolas de samba cariocas (desfiles de 2019 e 2020), cujas letras foram analisadas a partir de duas categorias: memória e referências positivas do povo negro (africano e afro-brasileiro); perspectiva dos povos não brancos sobre a história coletiva do Brasil. Destacamos a música como uma ferramenta pedagógica pela facilidade dos educadores que lecionam em municípios interiorizados terão para acessar as letras e canções nas plataformas digitais, diferentemente do esforço necessário para chegar a ambientes pedagógicos físicos, como museus e exposições que normalmente se encontram nos grandes centros urbanos brasileiros. Como pressupostos teóricos, utilizamos os estudos de Munanga (2005), Fernandes (2017) e Lima (2013).

PALAVRAS-CHAVE: Escola Democrática. Antirracismo. Samba-enredo.

ABSTRACT

This article proposes, in general, to debate the role of the school in the construction of a democratic society, considering that “as long as there is racism, there will be no democracy” – slogan issued by the organized Black Brazilian movement. The objective is specifically to point out a political and pedagogical proposal to practice the National Curriculum Guidelines for the Education of Ethnic-Racial Relations and the Teaching of Afro-Brazilian and African History and Culture. For this, we present two sambas-enredos from samba schools in Rio de Janeiro (2019 and 2020 parades), who lyrics were analyzed from two categories: memory and positive references of the Black people (African and Afro-Brazilian); non-whitepeoples' perspective on the collective history of Brazil. We highlight music as a pedagogical tool due to the ease that educators who teach in interiorized municipalities will have to access lyrics and songs on digital platforms, differently the effort required to reach physical pedagogical environments, such as museums and exhibitions that are usually found in large centers in Brazilian urban areas. As theoretical assumptions, we use the studies of Munanga (2005), Fernandes (2017) and Lima (2013).

KEYWORDS: Democratic School. Anti-racism. Samba-enredo.

¹ Mestra em Educação (UFRJ), Pedagoga (UFOP) e Gestora Ambiental (USP), Professora da rede municipal de Araucária (Paraná), E-mail: maria.luiza.fmn@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O compromisso de construir uma escola antirracista deve servir para a estruturação de uma sociedade democrática e a formação de sujeitos que irão construí-la. Assim, identificamos que um dos papéis dessa escola é criar um ambiente gerador de novas atitudes, tornando-se um mecanismo potente para a eliminação de discriminações e preconceitos que atingem a população negra brasileira e demais grupos étnicos. Desta forma, a perspectiva educacional democrática caminha junto com o antirracismo e vai ao encontro do que se estampa no manifesto lançado pela Coalizão Negra por Direitos² (2020): “enquanto houver racismo, não haverá democracia”.

As manifestações da luta organizada tanto expõem o debate sobre a decisão política de se afirmar negro em um país racista, quanto escancara as desigualdades entre grupos étnicos no Brasil, principalmente entre negros e brancos. Outros atos políticos se articulam de diferentes formas e posicionam-se também na esfera da cultura e da produção artística. Temos como exemplo, o Teatro Experimental do Negro, maracatu, sambas-enredo e de roda, movimento hip hop, obras de artistas plásticos contemporâneos, entre outros. Essas manifestações podem ser utilizadas como instrumentos de trabalho pelos professores em sala de aula, haja vista que ainda “os livros e outros materiais didáticos visuais e audiovisuais carregam os mesmos conteúdos viciados, depreciativos e preconceituosos em relação aos povos e culturas não oriundos do mundo ocidental.” (MUNANGA, 2005, p. 15)

Desta forma, buscamos apontar como a escola pública brasileira deve se inserir no bojo das discussões sobre racismo e democracia. Esta como garantidora do acesso à educação, necessita também cumprir um papel de formadora de identidades individuais e coletivas conscientes e críticas do processo histórico que constituiu o estado brasileiro. Educação democrática como forma de combater o racismo nos espaços escolares e fora dele e de endossar a constituição da democracia nos currículos escolares.

Nesse sentido, trazemos para a luz do debate escolar recentes letras de sambas-enredo que podem ajudar o professor a levantar “questões relacionadas à diversidade étnico-raciais” e, “sobretudo criar estratégias pedagógicas que possam auxiliar a reeducá-las.” (BRASIL, 2004, p. 17) Não somente com essas canções de protesto, e reclame popular, objetiva-se entender como alguns sambas podem apresentar de forma lúdica a “participação dos africanos e de seus

²Foi criada no início de 2019 e é composta por diferentes organizações do movimento negro brasileiro.

descendentes em episódios da história do Brasil, na construção econômica, social e cultural da nação” (BRASIL, 2004, p. 22) e, assim, dialogar com as determinações apontadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004).

Iremos conhecer duas letras de samba-enredo dos carnavais de 2019 e 2020, cujas canções reconhecem e valorizam a cultura, identidade e a história dos afro-brasileiros e africanos em perspectiva positiva. Passaram-se dezenove anos após a promulgação da Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Apesar disso, pouco se ensina sobre diversidade étnico-racial na sala de aula de maneira a gerar conhecimentos e memórias positivas sobre os negros no Brasil (COELHO; COELHO, 2018), os quais não estejam apresentados somente relacionados à escravidão, pobreza ou dor.

Temos como outro objetivo deste artigo apresentar discussões para aqueles professores comprometidos com uma educação antirracista. As reflexões aqui apresentadas giram ao redor da música, mas poderiam se situar em outras áreas do conhecimento que debatem questões relativas à população negra. O destaque à música foi intencional e justifica-se pela facilidade dos educadores de municípios interiorizados em acessar as letras e canções nas plataformas digitais, diferentemente do esforço necessário para chegar a ambientes pedagógicos físicos, como museus e exposições que normalmente se encontram nos grandes centros urbanos brasileiros.

Assim sendo, além dessa introdução o artigo foi dividido em dois momentos. Primeiramente, começamos com o debate sobre a contribuição da escola no combate ao racismo no Brasil. Já no segundo momento, direcionamos nosso olhar para o samba-enredo e sua relação com a produção cultural de resistência da população negra. Concentramos nossa análise das letras dos sambas-enredos em subseções, indicando o seu conteúdo pedagógico, as categorias e ferramentas de análise, permitindo-nos extrair as considerações finais acerca da importância de se trabalhar na escola figuras negras, a memória e a cultura afro-brasileira.

2 A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA DEMOCRÁTICA E O COMBATE AO RACISMO

A escola se insere no bojo das relações sociais e raciais brasileiras. Para ela se alinhar a um projeto, cujo objetivo seja a participação popular e a transformação social, necessita-se

ampliar a cidadania e, por consequência, o fortalecimento da democracia. A cidadania apontada nesse artigo não possibilita somente o acesso individual e restrito dos sujeitos aos direitos civis, vai além, sendo referida por Arroyo (1993): uma cidadania que busca o fortalecimento da participação no processo de formação e de constituição do cidadão. Por isso, entendemos que a efetivação da escola democrática se relaciona com a radicalização da democracia popular.

Sob a perspectiva da população negra³, a maioria entre a classe trabalhadora brasileira, Fernandes (2017) discute que “há pouco interesse no debate sobre democracia e o papel que a nova constituição pode desempenhar para consolidar uma República democrática” (FERNANDES, 2017, p. 37). O autor nos mostra como o Estado e a estrutura social vigente tem edificado barreiras para não garantir os direitos constitucionais e democráticos dessa população, marginalizando-a e explorando-a de forma camuflada.

Por isso, quando falamos de escola democrática, falamos substancialmente da radicalização da democracia popular – vinculada à construção da cidadania popular apontada por Arroyo (1993) – e do antirracismo, pois um depende do outro para efetivar seu projeto de educação. A construção efetiva da escola democrática é uma das formas de colocar a questão da participação dos negros e trabalhadores (em geral) no poder, além de romper com a educação tutelada pelo Estado que “tem agido historicamente como controlador da cidadania das classes trabalhadoras” (ARROYO, 1993, p. 71).

Nesse sentido, a Coalizão Negra por Direitos segue essa direção quando afirma que

Não há democracia, cidadania e justiça social sem compromisso público de reconhecimento do movimento negro como sujeito político que congrega a defesa da cidadania negra no país. (...) **Não há cidadania sem garantir** redistribuição de renda, trabalho, saúde, terra, moradia, **educação**, cultura, mobilidade, lazer e **participação da população negra em espaços decisórios de poder** (COALIZÃO NEGRA POR DIREITOS, 2020, s/p, grifo nosso).

Assim, a escola se apresenta mais uma vez como fundamental para politizar o debate histórico sobre democracia racial. O discurso inflamado e historicamente construído sobre uma suposta harmonia e igualdade entre raças no Brasil, impõe à população negra e não negra uma desorientação sobre seu passado e nega, portanto, a contribuição dos afrodescendentes na constituição do que entendemos hoje como nação.

³ Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, s/d), a partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2019, 42,7% dos brasileiros se declararam como brancos, 46,8% como pardos, 9,4% como pretos; os negros seriam a soma de pretos e pardos.

Precisamos deslocar nosso olhar para nossa prática docente em sala de aula, para um currículo que promova a cidadania popular. Portanto, a democracia não “poderá ser plenamente cumprida enquanto perdurar a destruição das individualidades históricas e culturais das populações que formaram a matriz plural do povo e da sociedade brasileira.” (MUNANGA, 2005, p. 17) Por consequência, é também importante discutirmos sobre o ensino que ainda é centrado em memórias e histórias contadas somente a partir da visão ocidental europeia (eurocêntrica) e que acaba alimentando um:

Sentimento de superioridade em relação aos grupos sub-representados nos currículos e nas salas de aula. Tanto sentimentos de inferioridade quanto de superioridade atrapalham a consolidação de uma perspectiva democrática ao longo do processo formativo (PEREIRA, 2014, p. 80-81).

Nesse sentido, o processo formativo no interior da escola democrática e antirracista deve ser construído a partir da articulação entre o currículo e a gestão de seu ambiente, pautado sob uma perspectiva histórica e crítica, dando ênfase na diversidade e pluralidade étnico-racial da sociedade brasileira, característica fundante das relações sociais e raciais do nosso país.

3 O SAMBA-ENREDO E A PRODUÇÃO NEGRA CULTURAL: RESISTÊNCIA E MUSICALIDADE PEDAGÓGICA

Primeiramente, definiremos os sambas-enredo como composições criadas pelos “compositores das escolas de samba para contar em versos a história escolhida como tema do desfile carnavalesco” (TINHORÃO, 1975, p.173). Muitos desses sambas-enredos podem servir como ferramentas lúdicas para serem apresentadas aos estudantes. As músicas informam a perspectiva popular de assuntos que atingem suas vidas. Os desfiles apresentam a reflexão da comunidade sobre a realidade vivida e muitos deles vêm carregados de conteúdos históricos.

Lima (2013) apresenta o samba e as escolas de samba como resultado da busca dos negros por identidade e que, com efeito, permitiu ao longo do século XX, uma maneira de penetração social no território urbano. Também são frutos da busca pela constituição coletiva do sentimento de pertencimento local e comunitário, haja vista que os espaços públicos sempre foram locais segregados ao corpo negro.

Não conseguiremos em poucas linhas escrever sobre a extensa história do samba, mas tal ritmo possui estreita relação com o espaço privado das casas das “tias”. Elas eram “donas de um saber que passava pela religião, música, dança e organização social” (LIMA, 2013, p.

108). Além disso, Lima (2013) aponta a significativa construção e participação da comunidade negra tanto nas procissões católicas como nas festas públicas e particulares – aquelas voltadas ao culto das religiões de matriz africana. As organizações que nasciam em torno do carnaval de rua eram construídas a partir de uma “solidariedade grupal, com seus membros cotizando-se financeiramente e enfrentando dificuldades para a legalização de suas agremiações junto às autoridades policiais” (LIMA, 2013, p. 114). Segundo o autor, o samba, reconhecido por sua origem afro-brasileira, foi construído por inúmeras pessoas anônimas que contribuíram significativamente para consolidação dessa manifestação que atravessa a vida de milhares de brasileiros ainda hoje e apresenta relação com uma culinária específica, uma sociabilidade, costumes ímpares etc.

3.1 A letra de samba-enredo e o seu conteúdo pedagógico

O compositor de samba-enredo se expressa em cada verso evidenciando o real vivido e sentido tanto em esfera mais restrita e local como em proporções nacionais. A letra do samba-enredo, segundo Sodré (1998), passa a ser a via de expressão de temas dos mais variados, desde aqueles com cunho político e crítica social, até os que tratam do cotidiano, de feitos gloriosos de algum personagem histórico ou de figuras anônimas que se gostaria de apresentar no desfile. No geral, a linguagem musical abre espaço para pontos de vista marcados por um objetivo comum: emocionar ou envolver quem escuta a narrativa lírica. Quando analisada atentamente, pode nos ensinar aspectos da história passada, isto é, servir como uma fonte histórica.

Não somente, o texto musical, independentemente da posição social do compositor, “aparece como um meio de trabalho direto, de transformação imediata ou utópica (a utopia é também uma linguagem de transformação) do mundo – em seu plano de relações sociais” (SODRÉ, 1998, p. 44). Nesse sentido, buscamos letras de sambas apresentadas no carnaval carioca, evidentemente marcadas pela lente objetiva e crítica da população negra. As canções que iremos apresentar tornam-se educativas na medida em que projetam a afirmação da etnia negra no Brasil, contributo necessário para a educação das relações étnico-raciais na escola.

Como metodologia, entramos em contato com os livros *Abre Alas* disponibilizados no sítio eletrônico da Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (LIESA)⁴. Nos dois últimos anos (2019 e 2020), recorte temporal deste artigo, observamos a temática racial

⁴ Segundo a apresentação da liga, ela foi fundada em 24 de julho de 1984, “criada para defender os interesses das Escolas de Samba do Grupo Especial” (LIESA, 2020).

presente entre os primeiros colocados do carnaval carioca. Em 2019, a escola vitoriosa desse carnaval foi a Estação Primeira de Mangueira. Em seu samba-enredo intitulado “História para ninar gente grande” tratou com outro olhar para a versão da história oficial contada nas escolas e, assim, evidenciando as relações étnico-raciais, conseguiu levar a coroação com letra crítica às “páginas ausentes” dos livros de história, como declara em sua sinopse.

Já em 2020, a Unidos do Viradouro ganhou o 1º lugar com o samba-enredo "Viradouro de alma lavada", que apresenta o grupo musical baiano As ganhadeiras de Itapuã – mulheres que carregam em suas canções, entre outros aspectos, os relatos históricos vividos pela mulher negra escravizada e afro-brasileira e os contributos do seu trabalho para a sociedade brasileira em formação.

Selecionamos os dois sambas-enredo a partir de duas categorias de análise, sendo elas: perspectiva dos povos não brancos sobre a história coletiva do Brasil e resistências; memória e referências positivas do povo negro (africano e afro-brasileiro).

3.2 Perspectiva dos povos não brancos sobre a história coletiva do Brasil: Estação Primeira de Mangueira, História pra ninar gente grande (Carnaval de 2019)

Em 2019, a Estação Primeira de Mangueira encerra sua apresentação com a bandeira do Brasil estilizada, indicando no lugar do dístico “Ordem e progresso” os sujeitos invisibilizados, aqueles possuidores de uma “História que a História não conta”⁵: índios, negros e pobres – personagens em destaque em todo desfile.

A primeira estrofe do samba-enredo se inicia com o eu lírico registrando em versos a existência de uma história do Brasil apagada, aquela não contada nos livros oficiais. Essa história, segundo ele, é o avesso do registro, muito menos glorioso e bonito. Menciona que as páginas dessa história foram escritas com sangue de gente não branca (retinto) e os quadros de heróis nacionais também foram pintados com essa rubra tinta. O eu lírico exclama que gostaria de um país diferente daquele do retrato, e que reconsidere os protagonistas da história real: os mulatos, mulheres e tamoios (indígenas). Também expõe que esses personagens, não reconhecidos ou marginalizados pela história oficial, sempre se encontraram na luta, isto é, não esperaram concessões “vindas do alto”, como apresenta o carnavalesco Leandro Vieira (2019), e que sempre estiveram em resistência ativa pela busca da liberdade e de conquistas sociais.

⁵ Autores: Deivid Domênico, Tomaz Miranda, Mama, Marcio Bola, Ronie Oliveira e Danilo Firmino.

Brasil, meu nego
Deixa eu te contar;
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra
Brasil, meu dengo
A mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500
Tem mais invasão do que descobrimento.
Tem sangue retinto, pisado
Atrás do herói emoldurado.
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não tá no retrato (DOMÊNICO *et al.*, 2020).

Podemos perceber a necessidade da escola de samba em fazer do seu desfile uma “sala de aula”, propondo-se ensinar história a partir da perspectiva dos sujeitos marginalizados na sociedade brasileira. A escola se configura como um importante palco das disputas sobre o currículo oficial, do que será ensinado às crianças e qual história será contada entre as gerações. Essa compreensão, da importância dos debates no campo educacional, está presente nas reivindicações do movimento negro (Lei 10.639, de 9 janeiro de 2003) e indígena (Lei 11.645, de 10 março de 2008) que lutou para ver sancionadas as leis que tornaram obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileiras e indígena em todas as escolas do país (PEREIRA, 2012).

Apontamos o indispensável movimento do professor ao entrar em contato com os desfiles de carnaval disponibilizados em canais de audiovisual na internet. Muitas informações que podem auxiliar o trabalho docente são apresentadas pelos comentaristas e complementam a proposta de análise das letras dos sambas-enredo. O carnaval se completa com as alegorias, os símbolos e o enredo apresentado durante todo o desfile elaborado a partir do tema escolhido.

Seguindo a análise do samba-enredo, a Mangueira escolhe para a sua 2ª estrofe diversos personagens importantes para a história nacional. A apresentação, através da música, desses e outros sujeitos em sala de aula rompem com a ideia construída de “zona do não ser” (FANON, 2008, p. 26), permitindo aos alunos e alunas enxergar humanidade, identificar figuras comuns e históricas. Conhecer as trajetórias de Dandara, Mahins, Marielles para além da princesa Isabel, possibilita humanizar a história, levar para os livros didáticos e para a narrativa construída pela comunidade escolar, pessoas negras, indígenas, sertanejas, etc. que são mais próximas de representar grande parte do povo brasileiro do que aquelas estampadas nos livros.

Brasil, o teu nome é Dandara
E a tua cara é de Cariri

Não veio do céu
Nem das mãos de Isabel a liberdade
É um Dragão no Mar de Aracati
Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles e Malês (DOMÊNICO *et al.*, 2020).

Nesse sentido, o currículo comprometido com um ensino antirracista se propõe a trazer a memória de diversas figuras, dar luz aos sujeitos participantes na construção da identidade brasileira. A homogeneização dos povos, tornando invisível a pluralidade de diferenças interculturais, suas individualidades e memórias foi uma das formas racistas do colonialismo se estabelecer. Transmitir à turma a história de Dandara, Marielle, dos escravizados malês e outros nomes é também uma forma de afetar as subjetividades individuais dos alunos e alunas brancas e não brancas. Tornar possível o reconhecimento de diversas trajetórias que fogem do modelo fenotípico e político civilizatório do colonizador é outra maneira de romper com o racismo que impede a constituição de identidades positivas e conscientes da multiplicidade cultural que formou nosso país.

A última estrofe da letra termina acrescentando mais elementos do que já foi tratado.

Mangueira, tira a poeira dos porões
Ô, abre alas
Pros teus heróis de barracões
Dos brasis que se faz um país de Lecis, Jamelões
São verde e rosa as multidões (DOMÊNICO *et al.*, 2020)

Os autores fazem alusão aos porões dos navios negreiros e, segundo nossa visão, estes não precisam ser abordados na escola a partir da perspectiva do sofrimento e da condição de pessoas inferiorizadas. Pelo contrário, podemos retratar os negros nesse período histórico brasileiro como portadores da cultura dos povos africanos, reforçando a figura forte dos malungos: africanos (as) que viajaram no mesmo navio ou partilharam momentos como sujeitos escravizados. A história dos afro-brasileiros não precisa estar, a todo o momento, vinculada à dor. Os estudantes precisam acessar a humanidade dessa população por meio de referências e experiências positivas, belas e diversificadas.

A sinopse do enredo escrita por Vieira (2019) também sinaliza os porões da ditadura Militar no Brasil (1964- 1985), os quais precisam ser limpos ou deles “tirada a poeira”. Essa metáfora faz menção ao período que, mesmo sob muita censura e suspensão das liberdades democráticas e direitos constitucionais, tem os nomes dos ditadores – homenageando ruas,

estágios e estabelecimentos públicos – junto ao panteão de falsos heróis nacionais como os Bandeirantes e Pedro Álvares Cabral. Os heróis que a escola de samba Estação Primeira de Mangueira quis homenagear são aquelas figuras comuns: a população das favelas e das comunidades que estão nos barracões, construindo memórias, a história do carnaval carioca e buscando melhores condições de vida.

Os versos do samba, preenchidos de consciência política sobre a importância da reconstrução da narrativa oficial do Brasil, são finalizados citando duas figuras negras emblemáticas na biografia da escola de samba: Jamelão, intérprete, falecido em 2008 e a cantora e compositora Leci Brandão.

3.3 Memória e referências positivas do povo negro e resistências: Unidos do Viradouro, Viradouro de alma lavada (Carnaval de 2020)

Todo ano a LIESA divulga ao público em seu sítio eletrônico o Livro Abre-Alas, documento oficial que reúne todas as informações que as escolas irão apresentar durante o desfile. Esses dados são fruto do aprofundamento do tema escolhido pela escola, um esforço de sistematização de meses de estudos. No caso da Viradouro, as páginas 43 a 112 apresentam o roteiro do desfile intitulado “Viradouro de Alma Lavada”⁶ - “baseado no repertório musical e nas histórias orais das Tias: (...) as matriarcas do grupo As Ganhadeiras de Itapuã.” (VIRADOURO, 2020, p. 52) No livro Abre-Alas é possível encontrar o detalhamento da mensagem que a escola queria passar aos jurados e ao público. Além disso, é divulgada a bibliografia consultada (junto do histórico, a justificativa e a sinopse do enredo) que serviu de referência para a estruturação dos elementos carnavalescos, além da explicação detalhada dos setores do desfile. Isto posto, podemos perceber como o carnaval, com sua proposta de apresentar uma ideia e todo o seu conjunto performático e estético, pode servir de material criterioso de estudo e fonte didática para o professor trabalhar em sala de aula.

O destaque do samba-enredo da Viradouro foi dado às ganhadeiras de uma antiga vila de pescadores⁷ de Itapuã (BA). Sujeitas de suas próprias histórias, elas começaram um importante trabalho de resgatar o passado “por meio dos cânticos seculares trazidos da memória de suas ancestrais” (FERREIRA; ZANON; RICARDO, 2020, p. 52). Essas narrativas podem

⁶ Autores: Dadinho, Lair Machado, Rildo Seixas, Manolo, Anderson Lemos Carlinhos Fionda e Alves.

⁷ É um bairro de Salvador (Bahia) onde se localiza a Lagoa do Abaeté e que foi ponto de encontro das escravizadas lavadeiras, um dos ofícios de ganhadeira.

ser apresentadas em sala de aula para dar visibilidade à “diversidade de papéis e funções exercidos pelos homens e mulheres negros” (SILVA, 2005, p. 25) ao longo da história do Brasil.

Levanta preta que o sol tá na janela
Leva a gamela pro xaréu do pescador
A alforria se conquista com o ganho
E o balaio é do tamanho do suor do seu amor
Mainha, esses velhos areais
Onde nossos ancestrais sempre acordam a manhã
Pra luta
Sentem cheiro de anjelim
E a doçura de quindim
Na bica de Itapuã (DADINHO *et al.*, 2020).

Começando nossa análise, observamos na primeira estrofe do samba-enredo alguns elementos encontrados na rotina das mulheres negras escravizadas e que habitavam a região da Lagoa do Abaeté (BA). O trecho “Levanta preta que o sol tá na janela”, indica-nos que os seus afazeres iniciavam cedo. Seguindo os versos, compreendemos a partir da dimensão humana afetiva, que elas participavam do sistema do ganho, e por isso foram batizadas como ganhadeiras: comercializavam quitutes e ganhavam pela água recolhida na bica, manufaturas produzidas e também pela roupa lavada na Lagoa.

Quando os autores apontam tanto que o serviço é feito “com o suor do seu amor” e que as ancestrais acordavam “pra luta”, estão afirmando ao leitor/ouvinte uma identidade positiva e possuidora de emoções da mulher escravizada. Essa estrofe é uma oportunidade de não apresentar a negra como “a outra”, mas como um sujeito cheio de humanidade, com memória, ofício e outras características que definem a pluralidade socioeconômica do nosso passado.

Algumas palavras apresentadas no samba podem ser fonte de pesquisa para a reconstituição do passado vivido pelas mulheres negras ao longo do período escravista. A saber, as ganhadeiras de Itapuã iam cedo ao encontro dos pescadores para lhes ajudar na puxada da rede. Levavam gamelas – tigelas grandes de madeira ou barro – que serviam para guardar os peixes pequenos que ganhavam neste trabalho solidário.

Outro componente da letra que evidencia a trajetória das escravizadas é o verso “A alforria se conquista com o ganho”. A maior parte da venda do ganho era entregue aos senhores, mas algum excedente era guardado para a compra dos termos de alforria.

Camará ganhou a cidade
O erê herdou liberdade

Canto das Marias, Baixa do Dendê
Chama a freguesia pro batuquejê (DADINHO *et al.*, 2020)

Novamente, os versos vão dando publicidade a elementos culturais vivenciados pelos negros em busca de sua liberdade. Reiteramos como algumas fontes históricas – pinturas e a imprensa da época, por exemplo –, canções e outras produções recentes podem carregar “individualidades históricas e culturais das populações que formaram a matriz plural do povo e da sociedade brasileira” (MUNANGA, 2005, p. 17). Inclusive, podem oportunizar aos estudantes a ressignificação dos modos preconceituosos de apreensão da história e das noções sobre identidades étnicas.

Também podemos resgatar as palavras encontradas nesse e em outros sambas⁸ para trabalhar as contribuições (que desapareceram ou permaneceram) dessas populações para a formação do nosso léxico. De acordo com Barreto (2005), para Lélia Gonzalez, “a mãe-preta de forma consciente, ou inconsciente, acabou por passar os valores africanos para as crianças brancas que cuidou (...), ela africanizou o português e ensinou, transformando-o em pretoguês” (BARRETO, 2005, p. 40).

São elas dos anjos e das marés
Caboclas do balangandã, o Iaiá
Ciranda de roda na beira do mar
Aguadeira que benze e vai pro terreiro sambar
Ganhadeira de fé!
É a voz da mulher
Xangô ilumina a caminhada
A falange está formada
Um coral cheio de amor
Kaô! O axé vem da Bahia
Esta negra cantoria
Que Maria ensinou
Oh, mãe ensaboa
Mãe ensaboa pra depois quarar (DADINHO *et al.*, 2020).

Esta outra parte do samba traz a dimensão religiosa. Desta maneira, uma forma tanto de cumprir com a obrigatoriedade da Lei 10.639/2003 como de efetivar parte do currículo nacional que formaliza o Ensino Religioso nas escolas brasileiras, é levando para dentro da sala de aula referências musicais que tratam de forma positiva e respeitosa as religiões de matriz africana. Temos que ter em mente que negar a existência de outras formas de expressão da fé ou mesmo impor uma educação religiosa que apenas considera/aprecia as festividades e simbologias da crença cristã, é exercer uma “violência simbólica contra os grupos

⁸ Como a confecção de um dicionário afro-brasileiro, por exemplo.

subordinados, que não têm poder para colocar seus conteúdos e significados culturais nos currículos de ensino das nossas escolas.” (SILVA, 2005, p. 29) Ao longo da diáspora africana, as religiões foram carregadas junto das demais manifestações culturais. As populações negras, dentre elas as provenientes de diferentes regiões da África, pertencentes a civilizações ímpares, manifestavam sua fé de maneira específica. Não querendo prolongar nossa discussão, mas importante salientar que da necessidade de entrar em contato com o sagrado a partir de suas próprias crenças, os escravizados precisaram criar estratégias para praticar seus cultos religiosos em meio às imposições de regras e valores da religião dominante católica. A busca por não deixar morrer sua cultura e a não adaptação simples e submissa à moralidade do colonizados, faz deles sujeitos agentes ativos na construção da identidade coletiva de seu povo.

Finalizando nossa análise geral, percebemos que se a menção aos quilombos não está na letra, ela aparece nas sinopses dos dois sambas-enredo estudados neste artigo. Mas por quê?

Ora yêyê o Oxum! Seu dourado tem axé
Fiz o meu quilombo no Abaeté
Quem lava a alma desta gente veste ouro
É Viradouro! É Viradouro! (DADINHO *et al.*, 2020)

O significado e o sentido político da palavra até hoje tem suma importância para a população negra. É necessário apontar que quilombo não se resume ao nome dado às comunidades de negros fugidos que se formaram ao longo do período do sistema escravocrata brasileiro, mas possui sentido simbólico para além de geográfico. Ainda hoje, os quilombos modernos, como o grupo musical As ganhadeiras de Itapuã, as favelas, associações negras recreativas, as escolas de samba, irmandades religiosas, organizações do Movimento Negro e outros grupos não deixam de guardar e proteger a memória cultural e histórica do povo negro, lutar pelo fim do ainda existente “cativeiro social” e/ou, de alguma forma, contribuir com discussões políticas sobre democracia e igualdade entre raças no Brasil.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O samba-enredo carrega grande contribuição daqueles que vieram de África e ressignificaram ao longo de séculos suas danças, batuques e cantos. Por esse motivo, que o

batuquejê⁹ pode ser utilizado como material pedagógico, por ele ser definitivamente, um instrumento de afirmação social da população negra.

O esforço de levar o samba para o chão da escola não deixa de honrar a luta política da população negra para conter a repressão que ronda sua comunidade e de suas manifestações culturais. Não deixa, também, de dar continuidade às estratégias para romper com a segregação territorial imposta pela abolição que não deu nenhuma garantia ou subsídio de sobrevivência aos afro-brasileiros, nem conteve o racismo operante entre nós (LIMA, 2013; FERNANDES, 2017). Penetrar o samba nas escolas é uma possibilidade, então, de partilhar conhecimento africano e afro-brasileiro num espaço construído pela sociedade branca e que, por vezes, tende a se fechar em um universo dotado de uma concepção ocidental de mundo, impondo como referência a superioridade da raça branca em detrimento de raças amarelas, negras e indígenas.

Na medida em que a prática docente se nega a adotar somente a perspectiva curricular eurocêntrica, vai se construindo uma educação crítica e antirracista e, portanto, fazendo germinar uma escola efetivamente democrática. Assim, apresentamos nesse artigo uma das diferentes alternativas para se romper com a hegemonia racial do currículo: a partir da manifestação cultural sintetizada no samba-enredo. A música tem um potencial pedagógico que pode ser utilizado dentro da sala de aula como ferramenta acessível e que contempla as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana na Educação Básica (BRASIL, 2004).

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. Educação e exclusão da cidadania. In: BUFFA, E.; ARROYO, M. G.; NOSELLA, P. **Educação e cidadania: quem educa o cidadão?** São Paulo: Cortez, 1993.

BARRETO, Raquel. **Enegrecendo o Feminismo ou Feminizando a raça: Narrativas de Libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez.** (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, PUC/Rio, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação/Secad. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica.** Brasília, 2004.

⁹ Canto animado acompanhado de percussão e dança, assim como o samba-enredo.

COALIZÃO NEGRA POR DIREITOS. **Enquanto houver racismo não haverá democracia**, jun. de 2020. Disponível em: <https://comracismonaohademocracia.org.br/>. Acesso em: 20 mai. 2021.

COELHO, Mauro Cezar; COELHO, Wilma de Nazaré Baía. As licenciaturas em História e a Lei 10.639/03 - percursos de formação para o trato com a diferença? **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v.34, e192224, 2018.

DADINHO; MACHADO, L.; SEIXAS, R.; MANOLO; ALVES, A. C. F. e. **Viradouro de Alma Lavada**. Disponível em: <http://liesa.globo.com/carnaval/escolas/viradouro/samba-enredo.html>. Acesso em: 11 mai. 2021.

DOMÊNICO, D.; MIRANDA, T.; MAMA; BOLA, M.; OLIVEIRA, R.; FIRMINO, D. **História para ninar gente grande**. Disponível em: <https://liesa.globo.com/2019/por/03-carnaval/sambasenredo/mangueira/mangueira.html>. Acesso em: 11 mai. 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. **O significado do protesto negro**. São Paulo: Expressão Popular, coedição Editora da Fundação Perseu Abramo, 2017.

FERREIRA, Marcus; ZANON, Tarcísio; RICARDO, Igor. **Histórico do enredo (Viradouro)**. Rio de Janeiro: LIESA. Livro Abre-Alas, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Conheça o Brasil – População: Cor ou Raça**. IBGE educa, s/d. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>. Acesso em: 11 mai. 2021.

LIGA INDEPENDENTE DAS ESCOLAS DE SAMBA (LIESA). **A LIESA**. Rio de Janeiro: LIESANET, 2020. Disponível em: <http://liesa.globo.com/a-liesa/>. Acesso em: 09 mai. 2021.

LIMA, Augusto. Samba, história e a questão racial e social. In: BRAZ, Marcelo (org.). **Samba, cultura e sociedade: sambistas e trabalhadores entre a questão social e a questão cultural no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

MUNANGA, Kabengele (Org.) **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PEREIRA, Amilcar Araújo. “Por uma autêntica democracia racial!”: os movimentos negros nas escolas e nos currículos de história. **Revista História Hoje**, v. 1, nº 1, p. 111-128, 2012.

PEREIRA, Amilcar Araújo. Resistência também dentro da escola. **Revista de História** (Rio de Janeiro), v. 101, p. 80-83, 2014.

SILVA, Ana Célia. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele (Org.) **Superando o Racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.



SODRÉ, Muniz. **O dono do corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

TINHORÃO, José Ramos. **Pequena história da música popular**. São Paulo: Círculo do livro, 1975.

VIEIRA, Leandro. “**História para ninar gente grande**”. Rio de Janeiro: LIESANET, 2019.

VIRADOURO. Viradouro de alma lavada. **Livro Abre-Alas (Domingo)**, 2020, p. 43-112.

Enviado em: 20/05/2021
Aprovado em: 28/07/2021